



UM PERCURSO DIASPÓRICO: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO MIGRANTE NORDESTINO EM A *HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

Leandro Freitas Menezes (UFES)¹

Resumo: Pretende-se abordar a temática relacionada a um fenômeno muito comum no Brasil entre as décadas de 50 e 70, período de transição do rural para o urbano: o fluxo migratório dos nordestinos para diversas cidades grandes. Para isso, foi escolhida a obra de Clarice Lispector *A hora da estrela*. Como referencial teórico utilizou-se Stuart Hall que versa sobre a crise de identidade. Os resultados mostraram que Macabéa representa de forma geral a saga dos nordestinos, povo que carrega vários estereótipos construídos socialmente. Tais estereótipos são retratados por meio de linguagem essencialmente literária. Observou-se também que há em Macabéa uma sensação de não-pertencimento e de inadequação em relação ao *lôcus* onde vive. Ao mesmo tempo, percebe-se nisso certa resistência para a afirmação sua identidade e cultura.

Palavras-chave: Diáspora. Identidade. Representação e Prática. A hora da estrela – Macabéa.

Abstract: It is intended to address the issue related to a very common phenomenon in Brazil between the 50s and 70s, a period of transition from rural to urban: the migratory flow from the northeast to several large cities. For this, Clarice Lispector's work *A hora da estrela* was chosen. As a theoretical reference, Stuart Hall was used, which deals with the identity crisis. The results showed that Macabéa generally represents the saga of the Northeastern people, a people who carry various socially constructed stereotypes. Such stereotypes are portrayed through essentially literary language. It was also observed that in Macabéa there is a feeling of non-belonging and inadequacy in relation to the locus where he lives. At the same time, there is a certain resistance to the affirmation of their identity and culture.

Keywords: Diaspora. Identity. Representation and Practice. The hour of the star – Macabéa.

Introdução

O universo literário de Clarice Lispector permite o mapeamento e a análise de diversas situações inerentes ao indivíduo enquanto ser social e em constante deslocamento. Isso quer dizer, em sua trajetória na busca pela felicidade o ser humano vive um processo de inter-relacionamento com o mundo que o constrói, destrói e o reconstrói constantemente.

A autora denomina o alcance da felicidade por alguém como “epifania”. Esse aspecto da obra da autora mostra o homem como inconstante, inconcluso e propenso a novas descobertas². Por exemplo, na obra *A Hora da Estrela* da ucraniana, mas escritora brasileira,

¹ Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Língua Portuguesa.

² Com razão, acerca das características da obra de Clarice Lispector apresenta-se um de seus pensamentos muito sugestivo: “[...] Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias. Realizo não o realizável, mas o irrealizável, eu vivo e o significado de mim e do mundo não é urgente. É fantástico” (C. Lispector).



pela personagem principal Macabéa, que é nordestina, mostra como esta vive socialmente suas experiências na cidade grande, porém compreendendo o mundo a partir de códigos próprios, os quais a levam a empreender vários questionamentos.

Esse aspecto faz com que o leitor trave reflexões sobre essa obra, uma vez que Macabéa indaga assuntos que vários filósofos ao longo dos séculos procuram respostas. Apesar dessas particularidades curiosas, Clarice apresenta também algo que interessa a essa pesquisa: um histórico da migração nordestina nos idos dos anos 70.

Tal fato se evidencia no contexto histórico nacional na medida em que são apresentados exemplo da diáspora, das características e das vivências da protagonista. Isso ilustra a mesma diáspora que envolve outros nortistas que largam sua terra natal para se aventurar nas cidades grandes, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, com o objetivo de buscar melhores condições de vida e, portanto, momentos de felicidade negados pela falta de condições geradas pela seca das terras nordestinas. Mas não negamos para outros a felicidade se encontra no contexto da seca nordestina.

Certamente, Macabéa viveu seu momento feliz ou epifânico. Mas, saber que Clarice fala sobre esse assunto é um dado importante, porém a questão é compreender de que forma ela aborda esse tema no romance. Por esse motivo, diante disso elaborou-se o seguinte questionamento: de que maneira a escritora aborda a representação social da trajetória diaspórica do migrante nordestino na personagem datilógrafa de *A Hora da Estrela*?

As escolhas teóricas para fundamentação deste artigo foram pautadas à luz dos estudos de Hall (2003, 2005) que discorre acerca dos conceitos inerentes à cultura, à identidade e à diáspora. Tratar temas como: a situação da mulher brasileira, excluída e oprimida pela desigualdade social; essa mulher é uma migrante nordestina que trava um contato com a cidade grande, isso por si traz uma forte carga política. Esses são assuntos abordados de forma sensível por Clarice (1977), mas em um tom existencialista, que abordados de acordo com o ponto de vista de Hall (2003, 2005) acabam por denunciar e explicitar o desconforto de Macabéa e, por conseguinte, de outras milhares de mulheres brasileiras que migram do nordeste para as metrópoles brasileiras e que vivem cindidas, porque são atravessadas por outras culturas



1. Comentários acerca de do romance *A hora da estrela*

Publicado em 1977, é o último romance de Clarice Lispector. Trata-se de uma narrativa comovente, instigante, ousada, e original auxilia na dramaticidade clariceana e celebra o irreprimível prazer de viver de sua personagem principal: a nordestina Macabéa. Clarice Lispector é a autora, contudo, cria um narrador – Rodrigo S.M. – que em uma das ruas do Rio de Janeiro teve sua inspiração ao ver de forma inesperada e casual Macabéa, a moça nordestina (LISPECTOR, 1997).

A protagonista do romance, nascida no sertão de Alagoas ficou órfã de pai e mãe aos 02 anos de idade, sendo criada as pancadas pela tia. O romance mostra que teve duas trajetórias ao se tornar uma jovem de dezenove anos de idade: primeiro foi “para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo” (LISPECTOR, 1997, p. 43). E em segundo, de forma expressiva e intraduzível: “Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro [...]” (LISPECTOR, 1997, p. 45). Nesse sentido, observa-se que a autora desafia as noções de identidade, migração e diáspora para permitir que sua protagonista escape do domínio delimitador do interior do sertão alagoano a partir de uma nova perspectiva por melhores condições de vida para poder encontrar sua identidade pessoal.

A autora enfatiza a sobrevivência inumana de Macabéa principalmente através da sua falta de habilidade e de preparo para lidar com as limitações inerentes à vida, pois não dispõe de palavras para expressar tudo o que sente e deseja, como descreve o narrador Rodrigo S.M. no início do romance, “[...] ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si” (LISPECTOR, 1997, p. 32).

Ela vai morar na rua do Acre em uma pensão onde divide o quarto com quatro colegas, namora com Olímpio de Jesus que depois a abandona por causa de sua colega de trabalho Glória. Esse fato trouxe-lhe indagações, contudo a busca da identidade continuava. Mas ao consultar com uma cartomante indicada por Glória encontra seu desfecho final. A mulher deu-lhe esperanças nostálgicas que a fizeram ficar radiante, entretanto, ao sair da consulta foi atropelada por um Mercedens-Benz. Dessa forma, a crença de que se tornaria atriz famosa e se casaria com um estrangeiro Alemão levou-a ao único momento de glória que teve na vida, situação em que foi notada pela multidão.



Assim, é essa moça nordestina, vinda para o Sudeste em busca de melhores condições de vida com a sua tia, parente com quem vivia desde os dois anos de idade, que será o fio condutor da tessitura literária desse narrador e, conseqüentemente, a abordada nessa pesquisa.

2. O pensamento de STUART Hall

Hall (2005) aborda características acerca dos sujeitos ao longo da história, período da Idade Média, Modernidade e Pós-modernidade com o objetivo de mostrar que este vem sofrendo uma “descentração do sujeito” que resulta em uma “crise de identidades”.

Hall (2005) admite a complexidade que existe na discussão desse tema. Inicialmente, o autor caracteriza o sujeito da Idade Média como individualista e centrado em si mesmo e sem formas de variação; o sujeito Sociológico configura-se pela relação com outras formas de subjetividade, ou do eu com a sociedade; entretanto, o sujeito Pós-Moderno não apresenta uma identidade fixa.

Assim, por sofrer constantes variações ao longo do seu processo de existência adquire muitas vezes identidades contraditórias e não resolvidas. Esses aspectos de todo o processo histórico sobre a identidade do sujeito podem ser confirmados pelas palavras do autor: “[...] o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (HALL, 2005, p. 46).

Contudo, um dos motivadores dessa “crise de identidade” apontada pelo autor é o processo de globalização, pois este incide diretamente sobre a identidade cultural do sujeito, uma vez que ela se apresenta em forma de multicultural. Dessa maneira, nem mesmo as culturas nacionais, as quais refletiam ou deveriam comungar aspectos quanto ao pensamento ideológico, político, econômico e social tem se mantido unificada nesses aspectos. Porém, a partir da influência cultural de uma nação a outra tem ocorrido uma mescla que em alguns casos torna difícil caracterizar uma nação, o autor denomina isso de “híbridos culturais”. Com efeito, assim como pode ocorrer o afrouxamento da cultura nacional em alguns aspectos, pode ocorrer também o enrijecimento em outros.

O efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura



nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, acima e abaixo do nível do estado-nação (HALL, 2005, p.73).

Se se observar desde as discussões iniciais sobre a “descentração do sujeito”, ver-se-á que Hall (2005) vem tratando de uma evolução ou de uma saga diaspórica pela qual o homem vem sofrendo ao longo dos séculos. Esse processo torna-se cada vez mais acirrado, promovendo mudanças drásticas no seu modo de ser, fraguimentando-o e introduzindo-o numa crise sem precedentes.

2.1 Noção de diáspora para Stuart Hall

No livro *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, Hall (2003) trata da dispersão e da mistura do negro com outras etnias. Como jamaicano radicado na Inglaterra, o autor relata aquilo que vivenciou “para um caribenho negro como qualquer outro”. Nesse sentido, para ele a política de identidade essencialista se tornou uma causa relevante, contudo não liberta o caribenho da dominação. Isso porque, ela se constitui de várias frentes: em um território cultural amplificado, que inclui a vida cotidiana; a cultura popular; e a cultura de massa.

No período do pós-guerra, em 1948, surge a diáspora afro-caribenha com o navio-transporte SS Empire Windrush que transportava imigrantes do Caribe para a Grã-Bretanha. A partir de fato histórico, Hall (2003) enfatiza que a diáspora é uma questão complexa e se refere à construção do imaginário da nação e da identidade.

Dizemos que o caribenho nesse processo diaspórico tornou-se um sujeito propenso a adquirir múltiplas identidades, uma vez que mesmo fazendo parte de um assentamento de negros na Grã-Bretanha ainda continuou apegado a suas raízes no Caribe.

Assim uma minoria étnica emerge através da identificação com os locais de assentamento, com (re)identificações simbólicas com culturas africanas e afro-americanas. Essencialmente presume-se a experiência diaspórica e a identidade cultural, que é tanto fixada no nascimento e parte da natureza quanto é impressa pelo parentesco e constitutiva do nosso interior.

Hall (2003), a fim de legitimar seu ponto de vista sobre diáspora, busca conceitos na história como no período em que os judeus que foram escravizados pelos Egípcios; posteriormente o êxodo comandado por Moisés; e pela significação do holocausto nazista. É interessante notar como após tantas dispersões os judeus não perderam sua identidade.



O autor assinala que os mitos fundadores do judaísmo são a-históricos, imutáveis e atemporais porque ligam o passado, o futuro e o presente numa linha da tradição mitológica.

Nisso observamos que ocorreu o retorno a Israel (a diáspora judia), porém isso causou conflitos com os palestinos e o povo do Oriente Médio. Da mesma forma, em relação à África, destacamos que mesmo sendo um continente representado por uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas, essas etnias têm algo em comum: o tráfico de escravos, um processo diaspórico que é a causa de múltiplos conflitos de identidade.

Alicerçados nesse conceito histórico de diáspora, Hall (2003) caracteriza os caribenhos como híbridos, pois vivem numa lógica ‘transcultural’, ou seja, a cultura caribenha é atravessa por outras culturas; ao mesmo tempo passam também por um processo de ‘crioulização’, sendo representados como grupos marginais.

Dessa forma, esses caribenhos são sujeitos que em outrora eram isolados, as agora se cruzam numa zona de contato, de co-presença espaço-temporal. Dizemos que a concepção diaspórica desses sujeitos é binária de diferença (passagem, deslize), fronteira de exclusão que resulta na construção de um outro em oposição rígida.

Segundo, Hall (2003), essa formação sincrética e também desigual tem explicação em Salman Rushdie, ensaísta e autor de ficção britânico de origem muçulmana indiana, e no conceito de hibridismo que tem relação com a luta cultural, a dependência e a subordinação às histórias imperiais.

3. Análise de *A hora da estrela*

Nesta obra o narrador Rodrigo S. M., ao descrever a situação migratória de Macabéa, menciona nas entrelinhas do *corpus* da obra uma série de deslocamentos da protagonista. Esta trajetória diaspórica forçada pelas condições precárias de vida e a obriga a buscar uma nova alternativa de vida ou uma identidade, motivada pelo desejo de se libertar do estado subumano em que vivia no interior alagoano.

Na verdade, Macabéa é a representação das práticas culturais que constroem a figura do nordestino e de tantos outros migrantes desvalidos que estão em marcha pelo mundo afora à procura de sua identidade, é a significação cultural e social de um momento de construção que traduz as posições e interesses de parcela da sociedade que a forja. Um apontamento dessa situação está no trecho a seguir:



Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1997, p. 28).

Nesse trecho, compreendemos a autora apresenta Macabéa, moça nordestina que mora junto com outras mulheres em um quarto alugado em um cortiço, e assim como Macabéa elas trabalham em empregos simples. Assinalando-a dessa forma, Listector (1997) a insere como uma referência de outras mulheres nordestinas que, ao saírem do nordeste em busca de condições melhores nas cidades grandes, são confrontadas com outras culturas que as tratam preconceito, assim como a própria cultura nordestina. Frisamos que ser mulher em nossa sociedade, especialmente na década de 70, era bem mais discriminada se comparada aos momentos atuais.

Nesse sentido, ser negra, divorciada, trabalhar fora, sair sozinha, ter filhos fora do casamento e a virgindade são alguns motivos em que a mulher sofria discriminação. Contudo, acentuamos o fato de Macabéa ser nordestina, ou seja, a questão regional em voga eleva o grau de discriminação. A respeito disso Cavnignac (1997) diz:

[...] o Nordeste também é visto como uma região de selvagens e de místicos, sem história e sem cultura. Assim, o sertão é tido como uma sociedade arcaica e o sertanejo como um homem primitivo (CAVIGNAC, 1997, p. 31).³

Nessa citação a autora revela o pensamento discriminatório acerca do nordeste e de sua população: pessoas selvagens, místicas, sem história e cultura. Um lugar de primitivos e retrógrados. Embora reconheçamos que o nordeste nos deu vários artistas renomados como, Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Alcione, Elba Ramalho, Alceu Valença, Raul Seixas, além de ser o berço da poesia no Brasil, o preconceito estrutural incide sobre essa região, nos levando a classifica-lo como uma atrasada. Nesse meio ambiente preconceituoso, pensamos a situação da mulher.

³ Texto conforme o original: Il existe une dualité dans la représentation du sertão. Il est décrit tantôt comme le berceau de la culture brésilienne, terre des poètes et de la << tradicion >>, tantôt comme une région de << sauvages >> et de << mystiques >>, sans histoire et sans culture. Ainsi, on parle souvent du sertão comme d'une société archaïque, et le sertanejo est généralement compare à un primitif. (CAVIGNAC, 1997, p. 31).



De acordo com Neves e Ferreira (2012, p. 03) a mulher nordestina é representada como: “sofredora”, “submissa”, “apática”, ou como, “mulher macho”, “arretada”, “feia”, castigada pelo sertão nordestino. Esses estereótipos dizem respeito a muitas mulheres nordestinas, mas refletindo sobre eles, pensamos qual deles que Macabéa se enquadra.

Há muitos seres como Macabéa: de existência duvidosa e que representam as silenciadas pela história. Isso revela a ausências de fatos eternizados em documentos históricos e nos literários de mulheres nordestina como: Maria José de Castro Rebelo Mendes (1891-1936), a primeira mulher a entrar para o Itamarati; Etelvina Amália de Siqueira (1872-1935) foi uma poetisa, contista, jornalista, oradora e declamadora brasileira, autora de vários hinos escolares e participante da campanha abolicionista na Sociedade Libertadora Sergipana; Bárbara Pereira de Alencar (1760-1832) foi uma comerciante e revolucionária brasileira. É uma das personagens mais importantes da Revolução Pernambucana e da Confederação do Equador. Era avó do escritor José de Alencar, e tem como uns dos seus descendentes o escritor Paulo Coelho em sexta geração; Anaíde Beiriz (1905-1930) foi uma professora e poetisa brasileira. Tem seu nome ligado à História da Paraíba, devido à tragédia em que foi envolvida, juntamente com o advogado e jornalista João Duarte Dantas, com quem mantinha um relacionamento amoroso; Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, foi uma educadora, escritora e poetisa brasileira. Primeira na educação feminista no Brasil, com protagonismo nas letras, no jornalismo e nos movimentos sociais.

Referimo-nos a essas mulheres nordestinas para mostrar que, embora tenham contribuído para a construção da história brasileira, não foram relatadas nela, porque a história de nossa sociedade foi escrita para atender ao pensamento androcêntrico. Contudo, a pesar disso, essas mulheres representaram uma forma de resistência. Nesse sentido, ouvem-se os gritos ensurdecedores de protesto dos que se distanciam do determinismo socioeconômico e falam por meio da arte. Encontra-se aí, a dialética entre realidade social e representação estética, na medida em que, uma é determinante da outra.

Rodrigo S. M. enfatiza que para conseguir narrar à saga de Macabéa teria que ficar semanas sem fazer a barba, teria que andar com roupas velhas, teria que viver as margens, ou seja, teria que descer ao nível de Macabéa.

Dessa forma, simbolicamente, podem-se destacar algumas características descritas pelo narrador que representam e sugerem a imagem negativa de Macabéa como nordestina



ligada a sua trajetória cultural, social, política e econômica: a seca, a fome, a solidão, a migração, o abandono, o atraso social, mas sem ter a consciência do que é e do que quer, confirmada pelo recorte que diz: “Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1997, p. 49).

Inscrita numa perspectiva histórica ampla, essa personagem protagonista da novela mantém-se viva na solidão abissal numa vaga de quarto. Segundo o narrador, ela nunca nem se deu conta de que vivia em uma sociedade técnica onde era um parafuso dispensável.

Assim, além desses comentários, ao longo da obra apresentam-se vários outros que sugerem a caracterização da personagem de forma irônica e sarcástica, mas, contudo, o intuito de Clarice é, por meio da linguagem literária, mostrar os estereótipos criados socialmente acerca do povo nordestino: “[...] ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. [...] o seu viver é ralo” (LISPECTOR, 1997, p. 38); “[...] A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em eu sou eu” (LISPECTOR, 1997, p. 52); “Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor” (LISPECTOR, 1997, p. 82); [...] ao contrário de Macabéa que tinha o desejo de se parecer com Marylin.

Dentre todos esses contrastes, venho ressaltar, no entanto, por via das palavras de... Glória era agora sua conexão com o mundo. Tinha um vago senso de maternidade por Macabéa. [...] Mentia também para si mesma em devaneio volátil na sua inveja da colega. [...] pois Glória era inventiva (LISPECTOR, 1997, p. 87).

Por meio das citações, é possível compreender que o mundo de Macabéa fora composto por dois grupos que forneceram códigos culturais a ela: pessoas ligadas à situação diaspórica e de sua terra natal (o Olímpio⁴ e a tia); e os demais do Rio de Janeiro, Glória (a amiga), o Seu Raimundo (o patrão), de muito longe as companheiras de quarto (Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José, e Maria) e pela rádio relógio que ouvia sempre.

⁴ Outro exemplo diaspórico empreendida pelo narrador está relacionado com o Ex-namorado de Macabéa: Olímpio de Jesus. Seu nome é irônico, uma vez que da mesma forma a palavra “Olímpio expressa as virtudes que não possui, o nome “Jesus” exprime “aqueles que não têm pai” nas palavras do próprio narrador. De origem paraibana, carrega características de homem inseguro, truculento e petulante. É denominado de “cabra safado”, pois já havia matado um homem. Ao vir para o Rio de Janeiro, encontrou trabalho em uma metalúrgica. No decorrer da história deixa Macabéa e inicia um relacionamento com glória, porque ele via nela algo que Macabéa não tinha: “a força da mulatice” e, ele via isso com uma ascensão social (LISPECTOR, 1997, p. 60 e 68).



Nota-se que embora tenha tido contato com os diferentes códigos sociais, sua identidade, seus códigos nordestinos e sua forma de compreender o mundo permanecia em relação aos códigos culturais utilizados pelos personagens da cidade Maravilhosa. Sobre estes, ela os absorvia de forma dificultosa, com inúmeras dúvidas, tinha vários “porquês”, pois aquilo não fazia muito sentido para ela.

Dessa forma, esse aspecto mostra de maneira coerente que Macabéa vivia não somente entre culturas ou “entre-lugares”, causando uma sensação de “não-pertencimento”, de desajustamento, mas também em algumas situações de sua vida é possível perceber uma heterogenia cultural ou ainda um “híbrido cultura”, conforme Hall (2005). A partir disso, é possível perceber na obra que a representação e os estereótipos supracitados desenvolvidos socialmente em relação ao nordestino criam na prática uma resistência em relação a sua identidade e cultura.

Ao afirmar que *A hora da estrela* foi escrita de forma regionalista tal qual Guimarães Rosa, Oliveira (1987) diz:

[...] nesse último romance, dos "dois brasis" – o nordeste, com sua "resistente raça anã teimosa" e o "ambicionado clã do sul do país" – a nota que, para muitos parece predominar na obra da romancista é a intimista e metafísica, associada à vertiginosa renovação da linguagem que coloca a escritora, ao lado de Guimarães Rosa, na vanguarda da literatura brasileira (OLIVEIRA, 1987, p. 96).

Por meio dos aspectos de representação e prática teorizados por Chartier (2005) torna-se evidente esses matizes sociais. Igualmente, esse mesmo aspecto é identificado na citação de Oliveira (1987) quando comenta a obra comparando-a a aos romances regionalistas de Guimarães Rosa dizendo: os “dois brasis”: o nordeste e o sul.

Entretanto, assim como estas, as expressões “resistente raça anã teimosa” representa um povo sofrido que luta pela sua sobrevivência, e “ambicionado clã do sul do país” sugerem um povo com a prerrogativa de superioridade social. Portanto, essas representações são coerentes com a ideia de confronto na prática social dos nordestinos pela afirmação da identidade e da cultura.

Considerações finais



A análise da temática sobre a diáspora dos nordestinos entre as décadas de 50 e 70 em *A hora da estrela* de Clarice Lispector, notamos que Macabéa representa essa temática de forma geral. Por meio da linguagem literária fica coerente a ideia estereotipada do nordestino em relação à cultura das cidades grande do Brasil. Entretanto, a partir dessa representação cultivada pela sociedade é possível observar que Macabéa não adere facilmente os códigos culturais das pessoas que vivem na cidade maravilhosa, porque não lhe faz muito sentido, causa-lhe um desajuste. Nota-se com isso que estar entre culturas e permanecer com a sua própria, de certo modo há nessa prática social uma forma de afirmação da identidade e da cultura.

Referências

CAVIGNAC, Julie. **La littérature de colportage au Nord-Est du Brésil**. De l’histoire écrite ao récit oral. Paris : CNRS Éditions, 1997.

NEVES, S. de J.; FERREIRA, M. de J. “Sexo Frágil? Mulher Macho Sim Sinhô!?”: Reflexão sobre as representações da mulher nordestina na sociedade brasileira (1990-2010). **Para entender a história...** ISSN 2179-4111. Ano 3, Vol. maio, Série 14/05, 2012, p.01-10. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2012/05/sexo-fragil-mulher-macho-simsinho.html#:~:text=Nesse%20contexto%20social%20inventado%2C%20a,%E2%80%9D%2C%20castigada%20pelo%20sert%C3%A3o%20nordestino>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. São Paulo: Ed. Rocco, 1997.

OLIVEIRA, S. R. de. O seco e o Molhado: a transubstanciação do regional no romance de Clarice Lispector. n. 14 (1987). **Travessia**: Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br. Acesso em: 10 de Junho de 2022.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Organizadora) **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 10a ED. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.